

#42



O CÉU É O LIMITE PARA O LUDOV

O Rabisco troca uma idéia com a mais nova revelação do pop-rock nacional

UMA HISTÓRIA DA GERAÇÃO COCA-COLA

Teatro homenageia Renato Russo ao retratar movimento punk de Brasília dos anos 80

ESTRELA NUA

Meg Ryan tira a roupa e mostra seu talento no suspense *Em Carne Viva*

ALMAS PENADAS VESTEM BRANCO

Stephen King convoca Lars Von Trier e se reinventa para a TV na série *Kingdom Hospital*

PACIENTE TERMINAL, DRAMA EXISTENCIAL

Minha Vida sem Mim incita a reflexão sem apelar para o sensacionalismo

O PORNÔ MAIS BONITO DA HISTÓRIA

Como Larry Clark transformou sua obsessão por adolescentes no erótico *Ken Park*

CHOPIN EM TEMPO DE PRELÚDIO

Um dos inesquecíveis momentos do compositor polonês em interpretação idem de Martha Argerich

DESERTO DO REAL

Livro aborda as referências filosóficas do primeiro filme da trilogia *Matrix*

#63: O Dia dos Namorados vem aí e é hora de perguntar: o romantismo morreu ou foi você quem bateu as botas?

#42: Primeiro contato com a obra de Iberê Camargo é uma experiência transcendente

#32: O Lunfardo é a gíria marginal portenha que sobrevive através dos tempos na sua música popular: o tango

#14: Lula mantém a "Agenda Positiva" na China enquanto os brasileiros choram, sem saber, a Social-Democracia "Evolucionária" de Bernstein

#1: Friends acabou, e agora? A resposta das ruas sobre essa pertinente questão que permeia o imaginário pop

Busca

Picosearch

ESTRELA NUA

Meg Ryan tira a roupa e mostra seu talento no suspense *Em Carne Viva*

por Fábio Freire (fabio_fcosta@hotmail.com)

ão tem para onde correr. Por mais que Meg Ryan não goste, sua imagem sempre esteve associada a papéis dóceis e meio estabanados em filmes tão bonitinhos quanto bobinhos como *Sintonia de Amor* e *Harry & Sally - Feitos um Para o Outro*. A atriz até já interpretou uma alcoólatra em um drama lacrimoso (*Quando um Homem Ama uma Mulher*), um soldado na Guerra do Golfo Pérsico (*Coragem sob Fogo*), traiu seu marido (na tela e na vida real, em *Prova de Vida*) e foi uma louquinha em uma produção de época (*O Outro Lado da Nobreza*), mas não tem jeito, o público gosta mesmo de ver a estrela no

eterno papel de namoradinha da América. Pelo menos gostava, até o naufrágio do chatinho *Kate & Leopold*, que só não é de todo ruim por causa do charme de Hugh Jackman. Quem diria então, que essa versão moderna da Doris Day teria que tirar a roupa na telona, em um papel que cairia como uma luva na sumida Sharon Stone, para provar seu talento e versatilidade? E é isso que ela faz em seu novo filme, o suspense *Em Carne Viva*.



Mas quem for ao cinema esperando ver uma variação de *Instinto Selvagem*, vai se decepcionar. O filme traz, sim, cenas de sexo. Meg Ryan fica,



sim, como veio ao mundo. A trama gira, sim, em torno de um *serial killer*. Mas *Em Carne Viva* quer ser muito mais do que um *thriller* erótico, o que acaba sendo o grande mérito e, ao mesmo tempo, o maior problema do filme. Dirigido por Jane Campion, do premiado *O Piano*, a produção se perde em

intenções. Ao mesmo tempo que não consegue ser um suspense eficiente, já que a trama policial é muitas vezes deixada de lado, também não é feliz na sua tentativa de ser um estudo psicológico eficaz. Apesar de interpretada com força e coragem por Meg Ryan, a solitária professora Frannie Avery é rodeada por outras personagens esquemáticas e que só reproduzem os clichês do gênero, sumindo e reaparecendo sem maiores explicações. Algumas delas estão lá só para cumprir um papel, sem acrescentar nada ao filme, caso de sua irmã (a cada vez pior Jennifer Jason Leigh), seu ex-namorado (Kevin Bacon) e até o policial (o competente Mark Ruffalo) que está à frente das investigações de um caso de homicídio e que acaba se envolvendo, de todas as formas, com a professorinha. A culpa maior, claro, é de um roteiro indeciso, de autoria da própria diretora, que adaptou a quatro mãos, juntamente com a autora Susana Moore, o best-seller *In The Cut*.

Mesmo enfraquecido pelo roteiro, que mina qualquer tentativa de uma caracterização mais profunda da protagonista, *Em Carne Viva* consegue ser um filme satisfatório graças à direção correta de Jane Campion e à presença de sua principal estrela. A primeira acerta ao compor um filme cheio de climas, com fotografia e direção de arte impecáveis e que fogem da estética *Seven* de ser, trilha sonora discreta mas perfeita e uma abordagem mais realista das cenas de sexo. Nada que lembre as peripécias e acrobacias que nos acostumamos a ver em *thrillers* eróticos por aí. A diretora consegue imprimir um olhar feminino e sensível ao filme, através de um ritmo próprio, bem longe das correrias do gênero, e se prendendo a detalhes que funcionam como um diferencial (como as frases que a protagonista lê no metrô).



Já Meg Ryan fica nua com naturalidade e demonstra um talento insuspeito, representando seu melhor papel em muito tempo. Sua composição para a personagem é silenciosa, melancólica e, de longe, a melhor coisa do longa. A trama policial está em segundo plano e o que importa mesmo é prestar atenção nas motivações da personagem principal. Quanto às intenções da atriz, essas são mais óbvias: enterrar de vez aquela imagem ingênua e doce. No final das contas, o filme serve para mostrar os dotes artísticos da atriz. E quando eu falo em dotes artísticos, estou me referindo ao seu talento mesmo. 